



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

**A IMPORTÂNCIA DA VOZ PARA A TESSITURA DE UM LUGAR PARA O BEBÊ:
UMA EXPERIÊNCIA COM O USO DO MANHÊS**

ANA LAYSE VIANA DA COSTA

CAMPINA GRANDE – PB

2018

ANA LAYSE VIANA DA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA VOZ PARA A TESSITURA DE UM LUGAR PARA O BEBÊ:
UMA EXPERIÊNCIA COM O USO DO MANHÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento às exigências para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Professora Dr^a Karynna M. B. da Nóbrega.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza Brasileiro
Silva", CCBS - UFCG

CS371

Costa, Ana Layse Viana da.

A importância da voz para a tessitura de um lugar para o bebê: uma experiência com o uso do manibês / Ana Layse Viana da Costa. – Campina Grande, PB: O autor, 2018.

33 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Karyna Magalhães Barros da Nóbrega, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise. 2. Clínica com bebês. 3. Linguagem. 4. Manibês. I. Nóbrega, Karyna Magalhães Barros da. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2 (813.3)

ANA LAYSE VIANA DA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA VOZ PARA A TESSITURA DE UM LUGAR PARA O BEBÊ:
UMA EXPERIÊNCIA COM O USO DO MANHÊS**

APROVADO EM: 15 de março de 2018

NOTA: 9,0 (nove)

BANCA EXAMINADORA:

Karynna M Barros da Nóbrega

Dra. Karynna Magalhães Barros da Nóbrega (UFCG)

Orientadora

Gabriella Valle Dupim da Silva

Dra. Gabriella Valle Dupim da Silva (UFCG)

Examinadora

Rosimar Socorro S. Miranda

Ms. Rosimar Socorro Silva Miranda (ISEA)

Examinador Externo

CAMPINA GRANDE – PB

2018

À minha mãe, que:

“(...) me entregou suas palavras

Como quem dava um pedaço.”

(Samba e Leveza – Lenine/Chico Science)

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Karynna Magalhães Barros da Nóbrega, de modo especial, por ter embarcado junto a mim nesse projeto quando ele ainda estava à deriva. Obrigada pelos apontamentos precisos, pela confiança e sobretudo por ter me convidado a pensar sobre tantas coisas que pareciam claras, quando não eram.

À Prof.^a Dr.^a Adriana de Oliveira, sempre atenta e empenhada em me fazer acreditar na significância das pequenas coisas. Obrigada por me fazer não desistir.

Às amigas Jéssica Andrade e Pammela Rikelly, pela disposição em me ouvir e pelas palavras certas que me ajudaram a ressignificar minhas inquietações. Vocês foram os melhores presentes que a vida gentilmente me ofereceu.

Aos amigos que fiz durante a graduação, em especial: Camilla Mendes, Marília Dutra, Ilana Barros, Geane Fernandes, Débora Medeiros, Daniely Alves e Joyce Raílla. Sem vocês a caminhada teria sido mais árdua. Vocês trouxeram a leveza e o incentivo para os momentos precisos.

À Rizonete Viana, Rossana Viana, Ronaldo Costa, Marinete Viana, pelo amor transbordante que dá sentido diário a minha vida.

À Ana Beatriz Vital, por ter sido companheira/amiga/irmã. Obrigada pela sensibilidade de me ouvir e por me ajudar a buscar em meio a tantas palavras aquilo que realmente me tocava. Obrigada por ter sido incontáveis vezes um porto seguro em meio à turbulência.

À Ellen Martins, sua amizade é parte de quem eu sou. Agradeço pelo apoio, pela ajuda e pela preocupação.

À UFCG, nas pessoas dos professores e funcionários, pelo acolhimento. Das vivências nesses cinco anos, restarão divertidas recordações, momentos de superação e uma doce saudade.

À Deus, agradecida eternamente pelos livramentos e pelos numerosos presentes. Que a minha existência seja uma constante busca de atender a esse amor inexplicável e vivo que me habita.

RESUMO

Diante do enigma colocado pelo neonato, como aquele que nada fala, o presente trabalho se propõe a analisar as vicissitudes da maternagem, fincando-se no movimento de entrada do bebê na linguagem. Analisamos para tal as particularidades relativas à sua constituição como sujeito e as demarcações pertinentes a função invocante da voz que ao trazer os significantes operados pelo Outro materno promove o encontro do simbólico da palavra com o real do corpo do bebê. Acreditamos que o *manhês* e a experiência da *lalangue* são demarcações sonoras que possibilitam essa vivência, e a partir disso, trazemos considerações clínicas com base em um relato de experiência na Unidade Mãe Canguru do ISEA – Instituto de Saúde Elpídio de Almeida, na cidade de Campina Grande/PB. Consideramos tais elaborações como indispensáveis para nortear o trabalho do clínico com o enigmático encontro com a palavra.

Palavras-chave: *Psicanálise; Clínica com bebês; Linguagem; Manhês.*

ABSTRACT

In the face of the enigma posed by the neonate, as the one who speaks nothing, the present work proposes to analyze the particularities of the mothering, sticking to the movement of the baby's entry into the language. For this, we analyze the particularities concerning its constitution as subject and the relevant demarcations of the invoking function of the voice that by bringing the meanings operated by the maternal Other promotes the meeting of the symbolic of the word with the real of the baby's body. We believe that the *manhês* and the experience of the *lalangue* are sound demarcations that enable this experience, and from this, we bring clinical considerations based on a report of experience in the Unidade Mãe Canguru do ISEA – Instituto de Saúde Elpídio de Almeida (Unit of ISEA Institute), at the City of Campina Grande/PB. We consider such elaborations as indispensable to guide the work of the clinician with the enigmatic and fascinating encounter with the word.

Key words: Psychoanalysis; Clinic with babies; Language; *Manhês*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A MATERNIDADE E O NASCIMENTO DO BEBÊ	12
3	O BEBÊ E O OUTRO.....	15
4	A VOZ COMO LAÇO COM O OUTRO	17
5	O MANHÊS	19
6	LALANGUE	22
7	A ESPECIFICIDADE DA CLÍNICA COM BEBÊS.....	23
8	METODOLOGIA	24
9	RESULTADO E DISCUSSÃO	26
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 90, novas formas de gestar se tornaram possíveis. Para Gradvohl, Osis e Makuch (2014) as tecnologias reprodutivas emergem para distanciar a reprodução da sexualidade, e, desse modo, rompem com o determinismo biológico. Além disso, preconizam uma quebra e dissociação na certeza universal, a saber de que a mãe seria a mulher que pariu a criança, favorecendo o surgimento de inovadores modos conceptivos. Apesar disto, o desejo pela maternidade ainda é perpetuado desde a infância, pois ainda que não se tenha um corpo grávido ou biologicamente apto para isso, observa-se que as brincadeiras com bonecas propiciam o contínuo investimento no ideal da gestação natural, decorrente de uma identificação com a figura materna, a mãe-mulher.

Designa-se de gestação natural, a mulher grávida, aquela que traz um filho em seu corpo. Essa experiência haverá de se deparar com vivências particulares, como por exemplo: os fantasmas, os medos e as projeções decorrentes da história pessoal e afetiva que irão marcar a relação com o filho. Para dirimir sobre essa forma de gestar, na sua característica simbiótica e nas suas implicações, analisamos o percurso que o filhote humano fará em direção à linguagem, através da experiência do *manhês* na díade mãe-bebê. Sabemos, como atesta Fernandes (2006), que o vínculo aí estabelecido portará diferentes valores que remetem ao que é da ordem do perturbador e do fascinante e nos lança continuamente a problematizarmos como se dá a transmissão da maternidade e o seu criterioso papel na constituição de um sujeito ético.

Ética e trabalho com bebês são uma articulação privilegiada que suscita reflexões que a atualidade, insistentemente, nos tem proposto diante dos avanços científico-tecnológicos (FERNANDES, 2006, p. 7). Dito isto, o presente artigo se propõe a caminhar em interface com a via ética, haja vista ser fundamental demarcarmos que um laço bem-sucedido entre mãe e bebê só é possível diante de uma responsabilização e um desejo não anônimo dos seus primordiais. Ao emprestar-lhe voz e ao convocá-lo como sujeito de desejo, a mãe o insere na linguagem, dando possibilidade para que ele possa advir. Há ainda o viés clínico, consideramos que os sinais emitidos continuamente pelos bebês carregam um conjunto de demandas e apelos a uma compreensão, uma interpretação por parte do outro. No encontro entre o fascinante e o perturbador em escutar, traduzir, elaborar e construir um espaço para esse ser de existência é fundamental um trabalho de escuta. Tomamos essa escuta e os paradigmas que rondam nosso trabalho para convocar o profissional na sua responsabilidade ética a se lançar diante o fascínio do enigma vibrante em cada recém-nascido. Este é o fazer clínico.

Este trabalho é ainda uma intervenção política, já que se insere numa preocupação com o laço social sendo realizado no ISEA – Instituto de Saúde Elpídio de Almeida, Campina Grande/Paraíba. Lá, as mais variadas realidades sociais circundam o inusitado da gravidez: o embate entre ser mulher e mãe, a dificuldade em doar tudo de si, quando se tem a falta como condição primeva, a um pequeno ser ainda em formação biológica, psíquica e emocional. A surpresa do inusitado, do desconhecido, revelou mulheres em constantes questionamentos subjetivos, dificultosas em atribuir um lugar de desejo para o filho. Dessa linha de encontro e desencontros, sobrevém o interesse, enquanto pesquisadora, em resgatar em tais sujeitos o espaço para existir e acreditar na existência do outro, por confiar que em cada díade estava enraizada uma semente prestes a germinar, a fecundidade estava em fazer com que se apostando na dimensão enigmática e invocadora da palavra, brotaria um sujeito.

Ao refletirmos, questionarmos e colaborarmos na linguagem construída pela e na díade mãe e bebê, analisamos o caminho que o bebê, ainda não falante, percorre junto a seus pais, na assunção de uma posição que o permita desejar. Tomamos por base teórica diferentes psicanalistas que são unânimes ao creditar importância ao investimento do Outro¹. Na incorporação do significante ao real a linguagem habitará o bebê e a palavra tomará o seu organismo, fazendo-o pulsar enquanto ser falante.

Para tanto, elaboramos a maternidade ao refletirmos sobre as roupagens que a cercam e sobre a chegada do bebê, o discurso biológico e o psicanalítico de constituição do sujeito e da tomada de uma posição de desejo. Posição, esta, que analisamos em um segundo momento, tratando-se da sustentação de uma demanda por parte do Outro. Para Fernandes (2006), quando há o investimento narcísico depositado pelos pais e o reconhecimento da alteridade do sujeito é possível pensar no processo de assimilação e incorporação da linguagem, que permitem o advento de um sujeito. Por conseguinte, vemos que a voz é condição primordial para transmitir o desejo do Outro, e através dela, ele poderá se a ver com seus próprios sons elaborando sua voz para, futuramente, falar.

Mais adiante, analisamos o fenômeno do *manhês* e da *lalangue* como modos de convocação do bebê com a demanda do Outro e com o sem sentido da linguagem. Para Sosha (2008), o *manhês*, com seu sentido, universalidade e particularidade, é um estilo de voz que proporciona um ambiente que emana cuidado, acolhimento e confiança, sendo possível ao bebê

¹Para Quinet (2012) o Outro tecido da linguagem e do discurso inconsciente, funciona como um arquivo dos ditos que foram importantes para o sujeito não só na sua infância, mas antes mesmo de ter nascido, corroborando, pois, em uma teia de determinantes que irão desembocar em importantes inferências na sua vida futura.

a constituição de si mesmo. E a *lalangue*, é o sem sentido da linguagem, o não universal. Isto é, ainda não é uma linguagem, mas já atesta o sujeito diante do Outro da linguagem.

No quarto capítulo, tomamos Fernandes (2006) e suas explicações acerca do discurso do analista que deve ser o de fazer desejar diante de uma clínica que apresenta suas especificidades, seus paradoxos. Refletimos sobre isso ao buscarmos no manejo a assunção de um tratamento ético, da não desistência do desejo, permitindo que ele, o desejo, seja sustentado nesse início de vida.

A partir dos enodamentos explanados, expressamos os relatos da experiência junto aos neonatos e suas mães para ratificar e trazer contribuições quanto aos impasses e descobertas que perpassam esse campo ainda pouco explorado, mas rico ao trazer reflexões para a prática clínica e o exercício profissional voltado à clínica com bebês.

2 A MATERNIDADE E O NASCIMENTO DO BEBÊ

Há uma série de significações atribuídas ao corpo feminino. A sociedade impõe o fato de gestar uma criança como pressuposto constitutivo da figura da mulher. De acordo com Gradwohl, Osis e Makuch (2014) ao longo da vida, a maternidade é imposta à mulher como uma forma de completude, autoafirmação e como uma obrigação socialmente instituída a ser cumprida, sendo essa, uma apropriação do corpo feminino para servir a determinadas funções sociais, como no caso da procriação e maternidade.

Em primeiro lugar, vale destacarmos que apesar de postas num mesmo patamar, gravidez e maternidade não são sinônimos. Para os autores, a gravidez se refere ao período de gestação e adaptação física e psicológica aos quais a mulher passa quando do desenvolvimento do feto em seu ventre. Esse acontecimento num primeiro momento é biológico, mas constitui e se modifica como construção social. Pois, passa a representar a oportunidade de concretização do desejo de maternidade, que se refere ao desejo construído social e culturalmente ao longo da vida da mulher, para que ela exerça o papel de mãe. No entanto, é no período gestacional que haverá um estreitamento da distância entre aquilo que era apenas idealização e a experiência concreta, dando à mulher a possibilidade de ressignificar aquilo que entendia por ser mãe.

Assim, desde a infância, a ideia da maternidade é naturalizada consciente e inconscientemente como condição, sem a qual não seria possível que a mulher se estabeleça enquanto tal, e isso seria fruto de uma predisposição biológica para a procriação, fazendo da gestação um caminho natural do ciclo de vida feminino.

Dessa forma, ser mãe passa do status de direito ao status de dever. A maternidade muitas vezes não é uma escolha, ser mãe pode vir a ser o meio de se autoafirmar socialmente, reivindicar autonomia, incluir-se, sentir-se feminina, para obter um lugar e um reconhecimento do Outro social.

Para a mulher, na constituição da posição feminina e na designação de um lugar para um filho, há de se estar envolta com a resolução de um conflito edípico, diferentemente do homem. Na perspectiva freudiana relativa à constituição da feminilidade, é fundamental creditar que:

A feminilidade normal adviria de um abandono da posição fálica e de uma aceitação da castração materna que possibilitaria o acesso ao pai e o desejo de ter o pênis do pai ou algo que o representasse. Assim, o desejo de ter um filho seria um deslizamento do desejo de ter um pênis, colocando o bebê numa equação simbólica: bebê = falo. Nesta perspectiva, a maternidade seria a

solução aos impasses da feminilidade e a resolução edípica por excelência. (ZORNING, 2010, p.5 apud Freud, [1931]1976).

Assim, para Freud a maternidade seria uma tentativa de dar conta de um conflito edípico da criança, pois ao renunciar ao pênis e aceitar a castração, o bebê seria um modo de representar o falo inicialmente perdido. Com isso, ele propõe uma saída fálica para lidar com o feminino.

Gestação e maternidade provocam grandes transformações que influenciam na vida e na relação que a mulher terá com o filho. O processo gestacional é caracterizado por ser um fenômeno fisiológico que deve ser observado tanto pelas gestantes, quanto pelas equipes de saúde como uma experiência singular de vida, a qual envolve mudanças do ponto de vista social, físico e psíquico. desse modo, nos interessamos pelos aspectos psíquicos que são importantes para além do período gestacional, sobretudo no pós-parto. Para Abruzzi (2008), um alto risco emocional pode causar não apenas transtornos que comprometem o vínculo emocional com os filhos, mas que geram diferentes consequências prejudiciais ao desenvolvimento biológico e emocional do mesmo.

De acordo com Gastaud (2008), a vida intrauterina representa o ponto de partida para o funcionamento do psiquismo humano. Isto é, mesmo antes do corte do cordão umbilical, os bebês já haviam encontrado refúgio numa unidade bem mais primitiva. O Universo Fetal se apresenta, pois, como um emaranhado de experiências que influenciarão na primeira infância e *a posteriori*. Desse modo, a vida psíquica seria uma continuação da vida intrauterina, onde o feto respondia e reagia a estímulos, ao, por exemplo: chupar o dedo, dormir e acordar, apresentar movimentos respiratórios, movimentar-se à procura de posições que lhe sejam mais confortáveis, bocejar e soluçar, sorrir e chorar, deglutir o líquido amniótico para se alimentar, regular o volume de ingestão, dentre outros.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) entende o feto enquanto este que faz morada no útero materno, porém, após o parto haverá de ser considerado um bebê prematuro ao nascer antes de 37^o semanas, e após a 42^o, bebê pós-termo. Ainda assim, feto e bebê portam a mesma subjetividade, conservando os mesmos traços de personalidade, preferências, comportamentos e respostas na vida pós-natal.

Com o nascimento do bebê, segundo Bento (2018), demarca-se o confronto existente entre as representações parentais que se tinham do bebê ainda na gestação, isto é: o bebê edípico, representando os ideais dos pais e a criança mítica, esse é o mais inconsciente, dizendo respeito à história edípica infantil da mãe; o bebê imaginário, construído por idealização resultante dos sonhos diurnos da mãe e o bebê real, o que estará nos braços da mãe após o nascimento. Essas representações influenciam os diferentes tipos de interação que ocorrem

entre o bebê e seus cuidadores, podendo facilitar a instauração de vínculos afetivos seguros ou dificultar seu processo.

Para Zorning (2010) o nascimento do bebê atualiza essas representações, trazendo expectativas de que o bebê possa reparar as falhas da história parental, ao mesmo tempo em que reativa os fantasmas edípicos. É natural que a mãe se sinta inadequada na função materna — por não conseguir abrir mão de um modelo idealizado. Porém, o fator essencial na construção da relação entre mãe e filho é o de transmitir a ele um ambiente afetivo e sensível às suas necessidades, pois só o reconhecimento do filho enquanto alteridade permitirá a construção de uma relação que irá além das representações parentais, carregando a marca do novo e da criatividade, indo além de uma repetição do passado e possibilitando que o bebê se aproprie das marcas e inscrições de sua história relacional inicial.

Nesta perspectiva, se a maternidade pode ser uma solução para a castração por seu estatuto ilusório de completude narcísica, a função paterna confronta a mulher com seu estatuto de sujeito desejante, ao indicar um espaço que se coloca entre a mãe e o bebê. A função materna e a introdução da função paterna permitem sustentar a dupla inserção do bebê enquanto produto e enquanto alteridade - e é justamente esta tensão entre ausência e presença, entre dentro e fora, que permite ao bebê aceder ao processo de subjetivação. (ZORNING, 2010, p. 9).

Jerusalinsky (2002) entende que no processo de constituição do bebê como um sujeito é natural que o mesmo tenha que passar por processos evolutivos, indo desde o crescimento, sendo, pois, um aspecto orgânico e mensurável, o período da maturação, que são as transformações trazidas pelo aperfeiçoamento do sistema nervoso central e das estruturas neuromusculares e o desenvolvimento, a mais ampla das três estruturas, onde se encontra concentrados as aquisições psicomotoras, cognitivas e de linguagem.

Para essa autora, a desarmonia em tal empreendimento pode advir quando o processo de normatização cronológica é rompido, seja porque não houve a maturação neuroanatômica ou ainda porque o bebê não foi tomado enquanto objeto de desejo, desse modo, poder-se-á até ter o funcionamento instrumental, mas as marcas do simbólico na vida do mesmo estarão excluídas, não havendo um investimento, por parte do sujeito, no meio e no encontro com outros.

Isso se justifica já que o bebê humano conserva em si o que se convencionou chamar de neotenia. Para Dunker (2006) é a condição própria de ao nascer não ter desenvolvido seus sistemas vitais e, mais ainda, não portar a capacidade de ter consciência de si, podendo esboçar reações, mas não conseguindo refletir sobre sua capacidade de percepção. É fundamental, pois, propormos ao criador, nesse caso específico, as mães, essa que o insere no mundo dos

significantes², a assunção de uma posição que presta diante do recém-nascido o reconhecimento dele como alguém, de parte de uma identificação, de uma aposta quando se passa a atribuir a ele capacidades ainda não observadas.

3 O BEBÊ E O OUTRO

De modo a entender a importância do investimento do Outro no bebê, para Jerusalinsky (2002), se atribui ao bebê em um primeiro tempo um universo simbólico antecipado e imaginado, diante do qual ele não está condicionado a responder pela via do “brincar”, tais como as crianças, e nem muito menos pela fala, como ocorre com os adultos. Todavia, ao ocupar uma posição de ser falado, tocado, desejado e brincado por Outro, fundar-se-á as primeiras inscrições psíquicas e a isso o corpo do bebê responde. Posto que, para Cullere-Crespin (2004) antes mesmo do nascimento já somos falados pelo Outro e que é o desejo dele o que marca o lugar simbólico ou no real do corpo.

Assim, o nó que se prioriza é o que vai amarrar a superfície corporal do bebê com a superfície significativa de desejo e demanda do Outro. A mãe ocupa o lugar do Outro. E em tal enodamento diferentes modos sensoriais se apresentam como importantes referentes, porém, como assinala Queiroz (2003), é no ambiente sonoro, mais particularmente na voz, seja ela da mãe ou de um substituto materno, que se encontra uma importante ferramenta para o estabelecimento do laço primordial, já que a mesma se apresenta enquanto objeto de pulsão invocadora, indicando a presença à distância.

Para Jerusalinsky (2002), organismo e linguagem têm as estruturas de hiências, a saber: boca, ânus, fossa nasal, uretra, etc. Os diferentes buracos orgânicos geradores de atividades que demandam cuidados, podendo vir a se situar não como puramente objetos da função – por exemplo, alimentar, excretora, dentre outros, mas como zonas erógenas, adquirindo a dimensão libidinal, erótica ou de gozo na medida em que têm seu funcionamento organizado de acordo com a letra impressa pelo gozo e pelo desejo materno. Isto é, no sentido que adquire no laço com o Outro, quando o gozo do vivo se cifra no significante, é que se tem o início da constituição do bebê.

² À esse respeito, para Napóli (2012) Lacan toma o sujeito como sendo aquilo que um significante representa para outro significante. Isto é, nós não somos aquilo que acreditamos ser. Para além disso, a capacidade de sermos diferentes do que somos não depende de nós, mas do Outro. Já que é no lugar do Outro, para Lacan, que se desenrola a cadeia significante que nos determina. É lá se encontram os significantes que nos representam para outros significantes.

Jerusalinsky (2002) traz contribuições ao realçar a pulsão e seus momentos, de modo primário tal atividade congrega em si a função alimentar e a palavra, manifestando-se, sobretudo, na fase oral. Sendo, portanto, indispensável que haja o estímulo, vindouro tanto da presença humana e da constância do rosto.

Laznik (2000) fala de três tempos pulsionais, a saber: o primeiro tempo da pulsão oral, o tempo ativo em que o bebê se dirige para o objeto (seio, mamadeira), visando apreendê-lo; o segundo tempo sendo definido por processos autocalmantes, que ocorrem quando o bebê toma parte de seu próprio corpo como objeto de sua pulsão, a exemplo: ao chupar o seu dedo e se acalmar. Porém, é no terceiro tempo que o sujeito da pulsão aparece. Nele, o bebê se disporá a fisgar o gozo do Outro, Outro que é o próprio sujeito da pulsão. Esse seria o tempo do fazer-se, quando o bebê se deixaria olhar, comer. Havendo a passagem por tais tempos no pólo alucinatório de satisfação primária, permanece algo da representação do desejo do Outro e do gozo deste Outro. Sendo, portanto, possível que se constitua as representações inconscientes e daí decorre a linguagem. Para Laznik (2000), desde o nascimento e anterior a qualquer experiência de satisfação alimentar para o bebê muito o interessa o gozo que sua presença causa no Outro materno.

Assim se faz necessário o investimento do Outro voltado para o bebê, seja por meio do jogo de brincadeiras, dos cuidados com o corpo, do uso da voz e do olhar, e da falta do Outro, essas são iniciativas que nos mostram a existência de um desejo e de um lugar para que o bebê se torne sujeito.

Esse Outro Materno, no entanto, não pode fazer do objeto criança seu tudo, há de haver uma divisão no sujeito feminino, entre a mãe e a mulher. Para que a causa de desejo não permaneça presa no fantasma materno. A esse respeito, para Miller (1998):

Eu dizia: “Ou a criança preenche, ou a criança divide”. Quanto mais a criança preenche a mãe, mais ela a angustia, de acordo com a fórmula segundo a qual é a falta da falta que angustia. A mãe angustiada é, inicialmente, aquela que não deseja, ou deseja pouco, ou mal, enquanto mulher. (MILLER, 1998, p. 5).

Para o referido autor, é fundamental que a mãe encontre um espaço para ser mulher e não somente mãe. É importante que a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo. Assim, a mãe é suficientemente boa, quando ela dispensa cuidados à criança e ainda assim conserva um espaço em se permite desejar enquanto mulher.

4 A VOZ COMO LAÇO COM O OUTRO

Em seu *Seminário, Livro 10: A angústia*, Lacan demonstra a voz como essa instância geradora de angústia, pois remete ao encontro com o desejo do Outro. A esse respeito, ele investiga o *shofar*, primeiro instrumento de sopro da civilização judaico-cristã, caracterizado por emitir um som contínuo, diferente de qualquer tom. O som dele representa o pacto entre o povo hebreu e Yahveh, e tem como função renovar a aliança com Deus, parecendo realmente ser, diz-nos Reik, a voz de Javé, a voz do próprio Deus (LACAN, 2005, p. 272).

O som remete ao grito do Pai, nesse ponto, o *shofar* representa o momento solene em que Deus dita a Moisés os dez mandamentos, surgindo, aí, a aliança entre o povo Judeu e seu Deus, gesto que funda a Lei (CASTILHO, 2012, p.137). Uma voz isolada, ao mesmo tempo vazia e cheia de sentido que inscreve o sujeito na cultura.

De que objeto se trata? Daquilo a que chamamos voz. Nós o conhecemos bem, acreditamos conhecê-lo bem, a pretexto de conhecermos seus dejetos, as folhas mortas, sob a forma das vozes perdidas da psicose, e seu caráter parasitário, sob a forma dos imperativos interrompidos do supereu. (LACAN, 2004, p.275).

Para Queiroz (2003) a voz é condição necessária a fim de manter em movimento o infante, o levando ao Outro, à entrada na linguagem e à submissão de suas leis. Através das protoconversações do manhês e das *lalações* é que será possível a convocação do bebê, que atravessado pelo desejo do Outro, poderá produzir seus próprios sons, ao se apropriar da língua.

Como estímulo pulsional, a voz liga-se diretamente ao corpo e a ele modifica ao variar os ritmos fisiológicos, modificar a tensão muscular, as atividades motoras, a atividade de sucção, o aumento do tônus, da vigilância. Para Travaglia (2014):

[...] a função sonora da voz se faz predominante nos tempos iniciais. O bebê, se deixando levar pela prosódia da voz do Outro primordial, inicia o processo de se alienar nos significantes que esse Outro fornece (p. 265).

Assim, linguagem e som estão estreitamente ligados. E a palavra, como semente de tal processo, transporta um fragmento do que há numa floresta de significantes e funda um novo falante da língua a partir desse fragmento que lhe marca o corpo.

Para Queiroz (2003), a partir disso será possível o surgimento da representação e do pensamento e a conseqüente fala da criança. Utilizando-se das palavras, é permitido um investimento no mundo na busca do objeto perdido, mesmo diante de sua ausência. Eis a

constituição da atividade pulsional, cabendo assinalar que, para Lacan (1964/1998), só haverá satisfação pulsional quando se é percorrido os diferentes pontos de circuito pulsional.

Goldenberg (2016) apresenta a voz como um dos objetos das pulsões, além de sua substância sonora, ela traria em si o estatuto de um *objeto a*³. A esse respeito, para Miller (1997) o sujeito é suposto pela estrutura da linguagem e a fala teria como função a amarração ao outro: naquilo que vem a significar e no significante, a voz como *objeto a* não pertenceria ao registro sonoro, porém funcionaria como dimensão terceira entre a função da fala e o campo da linguagem, isto é, como uma função do significante. Ainda segundo esse autor, objetos ditos só podem se afinar com o sujeito do significante se perderem toda substancialidade, ao serem castrados, ao estarem centrados de um vazio é possível haver a inscrição.

Diante de tal conjuntura, pesquisas sobre a linguagem dos bebês refletem a habilidade que eles conservam ao diferenciar e memorizar a voz masculina e a feminina; o tom grave e agudo. Eles assimilam essa estrutura porque desde a vida intrauterina já conservam o registro das frequências das línguas faladas. Para Queiroz (2003), seria através da voz ou ainda das imagens sonoras que vem a ser permitido à criança esperar o momento de satisfação e renunciar ao objeto.

Sendo igualmente importante, como assinala Queiroz (2003), que haja uma segunda voz associada à da mãe, pois ela também funcionaria como corte. O pai, assim, é um importante agente para exercer a função de corte na relação dual estabelecida entre a mãe e o bebê, momento em que para o bebê ainda não há a diferenciação entre ele e o Outro materno. A partir disso, há uma retirada do bebê do lugar de assujeitamento materno, corroborando na inserção do sujeito na cultura.

Segundo Ferreira (2003), essa linguagem dirigida da mãe ao seu bebê é universal até determinado tempo. O “manhês⁴”, essa fala especial, é a mesma em diferentes culturas. Ela conserva, de acordo com Ferreira (2003), a ordem do musical, a sonoridade, tal como as canções de ninar, propulsoras de prazer para a criança. “Com o poder musical da voz se abriria caminho para vir a palavra, os significantes, a linguagem. Completamos essa ideia dizendo que, se a

³Para Viola e Vorcaro (2009) o *objeto a* é um dos conceitos fundamentais da obra de Lacan, e diz respeito a uma parte do indivíduo anterior ao sujeito, um resíduo. Pois, ao se inscrever no campo do Outro, ao adentrar na linguagem o sujeito marcado pelo significante fica dividido, clivado por uma inconsciência necessária. Dessa operação de divisão, resta um resíduo, o *objeto a*. Representado pela presença do vazio, não há correspondente para ele na realidade.

⁴Manhês é um termo que embora seja referente à palavra mãe e ao exercício de maternagem, é uma função que poderá “ser desempenhada por qualquer sujeito falante, não apenas uma mulher que gerou uma criança pode exercer a função de mãe, e que, o manhês ganha certa independência da função materna, em alguns casos, como a clínica nos atesta.”(Travaglia, 2014).

música é a raiz da palavra, é no gérmen da palavra que poderá brotar um sujeito.” (TRAVAGLIA, 2014, p. 265)

5 O MANHÊS

Sosha (2008) acentua que mesmo que a comunicação da mãe com o seu bebê tenha suas particularidades próprias, é possível encontrar elementos em comum e características recorrentes universais, tais como: ritmos e escansões, modulações e variações de altura exageradas, estrutura e sintaxe simplificada, repetições rítmicas, curva melódica doce e acentuada. O “manhês”, tal como é chamado este estilo de voz materna, é, para Laznik (2013), a língua que todas as mães do mundo empregam para falar com seus bebês, o tomando enquanto sujeito de desejo e atribuindo a ele uma gama de elementos sentimentais, como o afeto e a surpresa.

Conforme Jerusalinsky (2002) é por meio dela, da aproximação da fala afetiva adulta à fala do bebê, que a mãe transmite sua falta ao seu bebê e a solução que dá essa falta, já que através das palavras, dos fonemas, vem a ser possível investir no mundo e reencontrar o objeto perdido, mesmo diante da ausência, é fazer durar a presença do Outro, visando restaurar o objeto da falta e recuperar a perda original. Com isso, cria-se uma atmosfera musical permeada pelo movimento melodioso de troca, encontro e diálogo. E o bebê se coloca como ativo nesse processo, fazendo esforço para se expressar. Assim, para Queiroz (2003) a experiência de troca e de doação é tal como se a linguagem fizesse morada no corpo do bebê e para ele transmitisse um conjunto de significantes e significações.

Ao tomarmos o bebê como interlocutor, veremos que ele é convocado para a linguagem e tem a sua posição de falante antecipada. Assim, Laznik (2013) atenta ainda para a importância do manhês na organização da fala, posto que os elementos dessa fala funcionariam como uma “cola perceptiva” e diante da qual seria possível para o bebê discriminar línguas diferentes da sua língua materna. Um bebê de 4 meses e meio consegue detectar as fronteiras de frases em todas as línguas, porque é sensível às diferentes tonalidades, às modulações, a repetição da cadência e dos ritmos (QUEIROZ, 2003, p. 16). Porém, à medida que avança na idade, essa habilidade será perdida e ele só irá reter os traços que são pertinentes a sua língua, isto é, a preferência dele é pela língua materna em virtude da sua característica afetiva e da familiarização aí dispensada, tangente desde o pré-natal. A música preferida pelo bebê, como afirma Stahlschmidt (2000), é a cantada por sua mãe, pois a voz dela o acompanha durante toda

sua gestação, é a que comumente melhor o acolhe e através dela que ocorrem trocas significativas.

Para compreendermos a configuração de tal processo, Ferreira (2003) toma a parceria entre mãe e o bebê tendo seu estabelecimento de forma dialógica, de modo que a mãe concede um espaço temporal, para que o bebê possa se manifestar. Tal relação se dá de forma interativa, acompanhando-se de momentos em que o bebê produz sinais, denominados Atos de Fala. E de modo mais preciso, a mãe sustenta a posição que ora cabe a ela, falando ao bebê ou pelo bebê. Processa-se, de tal modo, um conjunto de identificações, interpretações e coproduções. O manhês para Ferreira (2003) é a fala desse processo, e define-se por suas características sintáticas (frases curtas, independentes, repetidas), léxicas (simplificação morfológica, reduplicação, multifuncionalidade das palavras) e prosódicas (tom de voz alto e bastante agudo, entoação exagerada, velocidade de emissão mais lenta, silabação, alongamento de vogais), e para tanto, esses traços conservam a qualidade de transmissão afetiva.

O diálogo desses sujeitos distintos, mas que se colocam em uma posição de unidade é inicialmente demarcada pela lógica conversacional, que funciona atribuindo um lugar de fala para cada um dos interlocutores, porém ainda interdependentes entre si, havendo uma hiância, que como tal reserva um lugar para o sujeito advir, como traz Ferreira (2003). Ainda segundo a autora, em tal empreendimento é possível estabelecer um lugar de desejo ao bebê, o qual tem seus sinais levados para um caminho diferente de tomá-lo como puro organismo e passa a ser elevado à categoria de simbólico. Para além da atribuição de saberes ao bebê, há de vislumbrar os “atos protoconversacionais”, que são um conjunto de elementos produzidos em sincronia com a mãe, tais como: conversação; olhares dirigidos, sorrisos recíprocos, movimentos articulatórios na produção da vocalização e a imitação dos movimentos labiais maternos, dentre outros. Desse modo, o bebê nessa posição sempre tem algo a responder e revelar.

Para Queiroz (2003), a prosódia emitida pela mãe ao bebê é claramente diferenciada e ele, muito embora ainda não compreenda o sentido do que lhe é dirigido, capta primeiro a percepção da sensação para só depois poder representar e se ater ao discurso. A prosódia é composta de dois momentos: um onde há a mensagem sonora da mãe funcionando como um enigma para o bebê, sendo a primeira forma de demanda dirigida a ele, o *che vuoi*. No segundo momento, busca-se identificar o que falta à mãe, o que ela deseja, a criança supõe que seja o falo, o órgão masculino disposto ao lugar de significante, enquanto significante da falta, ao qual busca identificar-se.

De acordo com Queiroz (2009), com 6 ou 8 meses o bebê produz uma linguagem modulada, ainda não capaz de seguir as regras gramaticais, mas suficientemente capaz de

manipular e evocar pessoas à distância. E diante dos 7 e 8 meses, já reconhece formas verbais, muito embora ainda não as compreenda. A partir dos 9 meses a situação já muda de configuração, posto que o bebê passa a tomar para si o papel de interlocutor ativo, não dependendo exclusivamente da mãe na demarcação de sua posição como sujeito de desejo, a partir de então ela já discrimina os sons de sua própria língua e começará, a partir de então, a dizer suas próprias palavras e se estabelece na procura de um sentido.

Somente quando essa dimensão sobrevém é que ela sai do gozo incestuoso, o gozo das lalações para entrar no gozo permitido, o gozo fálico, esse gozo que para Skriabine (2013) se curva à preeminência do falo pertinente e se faz atuante quando a linguagem faz efeito sobre o ser vivo, aparelhando o gozo com o significante ou sendo apreendido no que faz resto da operação significante, ou seja, o objeto *a*, e, então, ele é a-sexuado. Com a linguagem, o gozo sexual se esvanece, ele é perdido. À vista disso, para Ferreira (2003) o bebê parte de uma apropriação inconsciente da língua, para consciente. Desse modo, já se observa a instalação de uma diferenciação: ação materna → reação do bebê → reação materna → reação do bebê. Os parceiros que antes formavam uma unidade encontram-se, agora, distintos.

Queiroz (2003) observa que, com dois anos, a criança começa a sair de sua passividade e inicia a produção de sons mais elaborados, tais como: vocalizações, jogos vocais, lalações e ao estar sozinha, utiliza-se dessas formações sonoras para presentificar a mãe. Tão logo, já se torna incomensuravelmente ligada e dependente dos fonemas maternos, em consonante obediência ao princípio do prazer.

6 LALANGUE

Pensarmos em interação verbal entre mãe e bebê é nos confrontarmos de modo direto com a importância da linguagem, pois ela é mais do que uma ferramenta de comunicação. É, na psicanálise, uma tentativa de restaurar o objeto da falta e recuperar a perda original, ou seja, recobrar, através do desejo, a experiência inicial de satisfação, de completude. Tal como a amamentação, esse processo só surge na intersubjetividade, daí a importância de que o bebê e o Outro estejam implicados, de modo que se ancorem e se separem. Contudo, faz-se necessário ultrapassar a dimensão da díade e da intersubjetividade.

Para pensarmos nisso, Monteiro (2012) recorrerá a Lacan, esse, por sua vez, que apostará em uma conversão de perspectiva, na qual a estrutura da linguagem tal como trazida pelos linguistas e apoiada nos estudos de Ferdinand Saussure passará a ser pensada sob auspícios do primado do gozo, e o que Lacan em 1975 propõe é a junção de algo que é da ordem do significante, isto é, da linguagem, com isso que é do corpo vivo, o gozo, causa de desejo. Assim, busca-se o conceito de *lalangue* que “é um neologismo usado por Lacan em um segundo momento de seu ensino, anos setenta, o qual, em certa medida, não tem nada a ver com a língua saussuriana.” (MONTEIRO, 2012, p. 16).

Assim, ele nos fala de uma *lalangue*, uma língua do gozo, que assim o é por ser carregada de efeitos e afetos, ao ser recebido e depositado maternamente, esse “idiomaterno” pode ser chamado, pois delega uma atribuição da mãe para a criança de tal modo que podemos dizer que o sujeito não aprende a *lalangue*, ele a recebe. Portanto, a *lalangue* traria em si a marca da equivocidade, do diferente, a tomar como uma condição do inconsciente que funciona como primeira marca do sujeito, sendo, então, fundamental na estruturação do que congrega a marca do *falasser*⁵ significante e da castração.

Desse modo, conforme Monteiro (2012), a *lalangue* pode vir a ser tomada enquanto condição primordial para o sujeito estruturar suas experiências, sendo composta por qualquer coisa, um mal-entendido, anterior ao significante-mestre ou uma cifra que marca o sujeito naquilo que ele tem de mais íntimo. Não é um instrumento de comunicação, de diálogo, não é uma linguagem, tal como elaborado pelo modelo científico, mas uma produção do esboço de laço social.

⁵Para Veras (2017), o *falasser* é um neologismo utilizado por Lacan para se referir a um ser que experimenta, em sua própria essência, a linguagem em seu limite último, proscrito de qualquer significação.

Em Goremberg (2016), a *lalangue* é uma matéria fônica que atravessa o corpo gerando ressonâncias, como tal, não apresenta uma existência teórica, um materialismo de uma palavra, porém é um sintoma, congrega em si o sem sentido da palavra.

Para Queiroz (2003) a experiência da *lalangue* é pregressa ao nascimento, pois ainda na vida intrauterina, mais precisamente, desde os 3 meses de gestação, o feto já é invadido por ruídos corporais e externos, a exemplo das vozes, a pulsão oral, sendo assim, é possível, já a partir de momentos anteriores ao nascimento, considerar a constituição da atividade pulsional e os efeitos que demarcarão as inscrições das primeiras instâncias psíquicas. Demarcadas para além da função que representa, mas vem a ser carregada de libido, gozo, aquilo que permite erotizar e que permite implicar o sujeito em uma realização.

7 A ESPECIFICIDADE DA CLÍNICA COM BEBÊS

Vimos a importância da díade bebê e o Outro, portanto, cabe-nos, enquanto profissionais do campo materno-infantil intervir no sentido de apontar a existência de um sujeito no bebê para os pais e/ou cuidadores. Visamos, com isso, promover um lugar para o sujeito ao provocar a existência de um desejo que não anônimo por parte dos pais, seguindo com isso a orientação lacaniana. Isto é, ao psicanalista, ocupando um lugar terceiro de escuta, cabe tomar o discurso parental, manejando as interrogações e promovendo o deslocamento do bebê em relação aos fantasmas que rondam seu berço, apostando na construção de uma narrativa ao apostar-se no reconhecimento da alteridade do bebê.

Fernandes (2006) ao conduzir-se um trabalho com o bebê e seus cuidadores nos conduz a apostar na ética e na moral como princípio básico para nortear o tratamento. Porém, há de se ter o cuidado para que a clínica não venha a ser um recôndito moralista, onde se têm um saber absoluto sobre o bebê, fazendo o uso de imperativos que dizem “o que deve e o que não deve ser bom” como guia do processo, nem tampouco deverá se refugiar em uma posição relativista, onde qualquer conduta influenciaria o bebê. Por vezes esses dois caminhos são fáceis, mas onde não há responsabilidade, há perigo.

Dado o exposto, ao analista não cabe o maior saber, mas a tomar o desejo da demanda ali endereçada como paradigma da constituição do sujeito, acompanhando o modo como ele se engata nas questões e respostas associadas pelos pais. Sustentando-se a abertura de um espaço, posto que o nosso trabalho esteja pautado na construção de uma demanda, que ultrapassa a necessidade, mas que aposta na existência do sujeito, através de sua representação no mundo,

à medida que o instiga a participar dele. Assim, ético é conduzir o paciente a não desistir quanto ao seu desejo (FERNANDES, 2006, p.91).

8 METODOLOGIA

O presente trabalho se enquadra na categoria Relato de Experiência, possibilitando, segundo Gil (2008), partilhar suas experiências e vivências, vinculando-as ao conhecimento acadêmico.

Servimo-nos da experiência vivida de observação e intervenção realizada durante o Estágio Supervisionado Básico I no ISEA – Instituto de Saúde Elpídio de Almeida, em específico, na Unidade Mãe Canguru⁶, na cidade de Campina Grande – PB, durante o curso de graduação de psicologia na UFCG.

O público alvo foram as gestantes e seus respectivos bebês, que, se faziam presentes na Unidade, sendo um público variável, de 6 a 8 puérperas, já que o período de permanência nesse Serviço é oscilante e de mensuração incerta. Foram realizadas visitas semanais, uma a cada semana, no horário das 15h às 16h, por um período de aproximadamente 5 meses. A escolha do horário foi sugestão da equipe de enfermagem que coordena a Unidade, pois nesse espaço de tempo as mães já teriam alimentado os seus bebês e estariam disponíveis para visitas ou realização de outra atividade pertinente ao contexto e as condições apresentadas.

A equipe é composta por uma enfermeira e uma técnica em enfermagem que se alternam na assistência dos cuidados às mães, além disso, há uma médica plantonista responsável por realizar visitas regulares. As profissionais se mostraram receptivas ao trabalho, que propomos, assim também como já demarcavam em suas ações as particularidades dos *manhês*.

Apostarmos no *manhês* como uma tessitura de um laço entre mãe e bebê quando se objetiva que o latente possa ser ouvido, conquistando dia a dia seu lugar nos desejos dos pais, foi uma tarefa delicada, que exigiu bem mais do que uma psicoeducação ou de uma proposta interventiva. Ao chegarmos à Unidade, a mais urgente preocupação das mães estava em saber se os seus pequenos ganhavam peso e a consequente previsão de alta.

⁶O Método Canguru tem como objetivo fornecer ao bebê um maior contato com a mãe e mais recursos de vida para o lactente (Moreira et al, 2009). Desse modo, priorizando o contato pele a pele do bebê com a mãe, ele possibilita a troca de cheiros e de calor entre os corpos. É mais do que uma assistência neonatal que estimula o desenvolvimento e auxilia na recuperação de bebês de baixo peso e prematuros, mas também é uma importante via que privilegia a construção de vínculo afetivo e uma interação mais constante e íntima entre a díade.

Foi necessário, então, uma aposta nos três tempos de Lacan: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir.

- Instante de ver: possível a partir da observação da díade;
- O tempo de compreender: a importância de saber escutar, para que fosse possível conhecer as histórias das mães, apreendendo seus medos, surpresas, fantasias, expectativas e comportamentos, e as histórias sobre os bebês, compreendendo o período gestacional, o que os fazia chutar, o que os acalmavam, suas reações, seus modos de sentirem o desconhecido;
- Momento de concluir: tomando por base intervenções, almejamos o nascimento da mãe como sendo aquela que investe no bebê fazendo que pouco a pouco elas privilegiassem não só os resultados fisiológicos, mas também estivessem atentas e empenhadas nos seus bebês como sujeitos que continuamente buscavam e davam respostas.

As experiências vividas foram registradas em um Diário de campo, ferramenta pertinente ao processo de construção de pesquisa, por ser possível nele abrigar o percurso teórico e metodológico do estudo. Assim, ao término dos encontros transcrevia-se o que pôde ser observado e coletado para posterior conferência.

9 RESULTADO E DISCUSSÃO

Quando existe algum fator que impeça a gestação a termo, como no caso dos partos prematuros, há uma grande ruptura no processo do “bebê imaginário”, visto que agora a mãe vai se confrontar com o “bebê real”, que nasceu prematuro e irá precisar de maiores cuidados médicos. Na Unidade Mãe Canguru a mãe terá a possibilidade de ressignificar esse momento, utilizando-se, por exemplo, do toque, da voz e das melodias.

Para tanto, realizamos um trabalho de observação participante, visamos, com isso, conhecer e captar os olhares e entrelaces vindouros da parceria mãe e bebê. Pouco a pouco, mais confortáveis com a presença de um investigador as mães passaram a contar suas histórias, suas fantasias e seus medos.

As histórias tinham alguns pontos em comum: gravidez inesperada, gravidez de risco. Nesse entorno os relatos continham recordações: *“Eu não sabia que estava grávida, fui no médico porque pensava que tava tendo uma crise de gastrite”, “quando eu descobri tive medo, pensei em besteira, em tirar...”(sic), “ Quando soube que era dois (sic), levei um susto.”*. Suas falas relatavam o quanto não estavam preparadas para gestar uma nova vida dentro de si e ainda o quanto tiveram suas vidas afetadas ao ser constatado que sofriam de complicações clínicas, demandando um tempo para aceitação e para transformar o medo e inseguranças iniciais em uma posição que se permite dizer: *“Hoje, o meu bebê é a minha vida”*.

Foram postos alguns questionamentos tais como: “Você acha importante falar com seu bebê?”, “Você canta para o seu bebê?”, “Quando o bebê estava na sua barriga, você falava com ele?”, “O pai ou/e os irmãos (as) interagem com o bebê?”. As respostas estão dispendidas entre uma maioria que afirma ocasionalmente conversar com o bebê, utilizando-se preferencialmente de expressões como: *“Ei, mãe!”*, *“É a moça de mamãe...”*, porém, são enfáticas quando afirmam que não cantam. Nesse ponto, uma gestante ainda questiona: *“Cantar não faz mal para o bebê?”*.

Em alguns casos, os pais, ao contrário das mães, conversavam com seus bebês. Em outros, apenas a mãe conservava essa atitude e apenas em um caso ambos conversavam e cantavam para o bebê, utilizando canções de ninar para acalmá-lo, embora seja interessante ressaltar que esta gravidez tenha sido planejada. É importante aqui nos situarmos perante a diferença entre uma gravidez planejada e uma gravidez desejada, a primeira é pensada diante de um planejamento familiar, em um contexto organizacional. Não precisando ser necessariamente desejada, pois o lugar de desejo que um filho ocupará para a mãe é algo subjetivo, que poderá advir, mesmo quando se tem uma gravidez não planejada.

Para permear mais profusamente o encontro entre a mãe e seu filho, a música foi tomada enquanto uma importante aliada. Para Filipak e Ilari (2005) a interação musical entre mães e bebês é de extrema importância no que diz respeito ao desenvolvimento infantil em todos os sentidos. As mães utilizam a música para comunicar-se com seus filhos. Elas cantam nas atividades diárias, e o seu canto não deixa de ser uma linguagem. Linguagem esta que a criança tenta imitar.

Apostamos nisso, e em um dos nossos encontros, uma cantora de voz aveludada e calma foi convidada a tocar violão e cantar canções de ninar na Unidade Mãe Canguru, de modo a utilizar-se de melodias tranquilizadoras: *Fico assim sem você*, de Adriana Calcanhotto, é um dos exemplos. Essa intervenção promoveu nas mães o desejo de tocar nos filhos, elas, então, emocionadas passaram a niná-los e fizeram do momento a oficialização de uma parceria, de uma troca genuína e fortuita entre ambos.

Essa experiência foi fundamental para em outro encontro buscá-las para o lugar de cantoras dos seus filhos, sugerimos algumas canções, bem como permitimos que elas resgatassem em suas histórias aquelas músicas de suas recordações. A atividade intitulada “O cantar: ponte de vínculos” trouxe para os ouvidos dos pequeninos não só cantigas infantis, mas também músicas gospel. No cantar, no ninar e no acolher as crianças em seus braços, elas ratificaram a emoção vindoura de tais atos⁷.

Recorremos ao cantar, como sendo essa tessitura de laço entre os sujeitos, e podemos observar que quando a mãe cantava para seus filhos, naturalmente também se realizava carícias e massagens no bebê, ao que constatamos uma resposta positiva do bebê, que ao serem aninhados e seduzidos pela voz materna prontamente dirimiam o choro, repousando em uma atmosfera de aparente tranquilidade. Diante disso, assinalamos a importância da linguagem afetiva e da observância de tais respostas no corpo do bebê. A linguagem tocava seus corpos e deixava neles sua marca fundante.

Consideramos que pelo caráter breve e oscilante em decorrência da duração do estágio não nos foi permitido observar o real impacto que da palavra advinda desse outro materno na vida dos pequenos filhotes. Sendo necessário se pensar em um estudo longitudinal

⁷De acordo com Rodrigues (2010) Winicott apresenta como fundamentais nos primeiros meses de vida do bebê o *holding* (segurar) e o *handling* (manejo). O primeiro se caracteriza pela forma como o bebê é sustentado no colo pela sua mãe, significando a firmeza com que é amado e desejado como filho. Já o *handling* permite que o bebê tenha acesso as diversas partes do seu corpo, inclusive suas limitações, através das cuidadosas mãos das mães.

para congregar mais inferências e permitir a observação mais direta e os reflexos das propostas interventivas na entrada do ser falante na linguagem.

Escutar a mãe e bebê em um contexto de maternidade foi um desafio, sobretudo, um processo que pouco a pouco expunha seus avanços. O que fizemos foi da ordem de uma aposta por acreditarmos que ao estimularmos as mães a participar de atividades destinadas a fortalecer os entrelaçamentos a interlocução com seus bebês, elas haveriam de se ater de modo mais sensível e mais aprimorado com o modo que o bebê corresponde às convocações maternas.

Assim, apesar da condição disponibilizada, foi possível captar em pequenos detalhes os momentos na relação entre os dois parceiros as atribuições de lugar de desejo, sustentando o enigma e a possibilidade da palavra ao estabelecerem-se diálogos e espaços de formação subjetiva, além da transmissão para as cuidadoras do quão é necessário desejá-los e permitir que eles desejem, pois só assim, no momento em que a linguagem fizesse morada em seus corpos, essa hospedagem não seria tão conflituosa.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomarmos o manhês como instrumento para aproximar mãe e bebê, objetivamos não apenas estimular as mães a falar com seus bebês, mas, sobretudo a compartilharem coisas de si e a ouvi-los. Ao observar a sincronia, a conversação, os olhares e as manifestações corporais no corpo do bebê, está-se diante de algo a ser revelado, escutado, comunicado.

Levamos em consideração que no início da constituição do eu, é o olhar do Outro que o definirá. Nobrega (2017) demonstra-nos tal configuração ao retomar o estádio do espelho trazido por Lacan, para a autora o Outro specular reconhece e fornece uma imagem, através da qual constituímos nossa imagem corporal. Posto isso, a palavra e a escuta que a mãe oferta prediz uma posição a ser ocupada por ele.

Disso, resulta a importância de apostarmos em um trabalho de uma antecipação imaginária da imagem unificada do corpo, pois para Dunker (2006) ainda que o bebê não tenha aporte instrumental necessário para tal reconhecimento é da tensão oriunda entre o que o bebê é e o que ele deveria tornar-se que se tem a antecipação funcional. Ao antecipar realizações psicomotoras, os pais, convidam o bebê a realizar aquilo ao qual está sendo convocado, a exemplo: utiliza-se do balbucio do bebê como palavra, uma antecipação linguística.

Mediante o exposto, trabalharmos esse tema mostrou-se mais do que uma necessidade acadêmica, mas, sobretudo um modo de cuidar da saúde mental da mãe e da criança, precavendo diferentes morbidades psíquicas que não podem ser negligenciadas, já que estão diretamente ligadas às relações emocionais, a exemplo da depressão pós-parto. Para isso, enfrentamos o apelo radical que se faz incessantemente para a dimensão biológica, gerador de um enrijecimento para as questões de outra ordem.

Apostamos na observação, intervenção e escuta por acreditarmos na importância de que haja outro que invista no bebê, na estimulação dos pequenos laços e desenlaces vindouros da díade. Posto isso, há de ser importante elucidarmos e compartilharmos na academia, na maternidade, no cotidiano, os gestos simplórios e sedentos de serem ouvidos que são lançados continuamente e insistentemente pelos bebês.

Ao fortalecer e consolidar o vínculo teve-se como resultado o reconhecimento do bebê, por parte das mães, enquanto sujeito de desejo que oferece respostas, às quais necessitam serem ouvidas e reconhecidas como significantes.

Por fim, cabe outros estudos que possam acompanhar a parceria por um longo período de tempo, pois só assim vem a ser possível acompanhar de modo mais preciso a trilha de aquisições percorrida pelo bebê. É desejável ainda que haja uma contínua aposta no estudo com

bebês, observando as inter-relações oriundas e os diferentes modos de fomentar laços, tanto como para assegurar uma relação fortuita do bebê com o mundo externo, e mais ainda como via segura para precaver futuros riscos ao desenvolvimento psíquico desse pequeno ser que passa a ser um novo, e em alguns casos, “inesperado” - haja vista a prevalência de gravidez inesperada - integrante do núcleo familiar.

REFERÊNCIAS

ABRUZZI DE FRAGA, Daniele, et al. Desenvolvimento de bebês nascidos pré-termo e indicadores emocionais maternos. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 2008, 21.1.

BENTO, Renata. **Psique, Ciência & Vida**, nº 144, Editora Escala LTDA - São Paulo, 2018.

CASTILHO, Pedro Teixeira. Algumas considerações sobre o objeto na psicanálise de Winnicott e Lacan: do objeto transicional ao objeto pequeno a. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n.37, p.127-141, jul. 2012. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2018.

CULLERE-CRESPIN, G. A clínica precoce: contribuição ao estudo da emergência do psiquismo no bebê. In **_. A clínica precoce: O Nascimento do Humano**, 2004.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. O nascimento do sujeito. **Revista Mente & Cérebro: A mente do Bebê—O fascinante Processo de Formação do Cérebro e da Personalidade Vol.**, v. 2, 2006.

FERNANDES, Claudia Fernandes. A clínica com bebê e sua ética. In: MELGAÇO, Rosely Gazire. **A Ética na atenção ao bebê: psicanálise, saúde, educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 2-221.

FERREIRA, Sílvia. A interação mãe-bebê: primeiros passos. In: WANDERLEY, Daniele de Brito. **Palavras em torno do berço**. Salvador: Ágalma, 2003. p. 7-162.

FERREIRA, Severina Sílvia. Por que falar ao bebê se ele não compreende? In: CAMAROTTI, Maria do Carmo. **Atendimento ao bebê**. Pinheiros: Casa do Psicólogo, 2001.

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. Mães e Bebês: vivência e linguagem musical. **Revista Música Hodie**, 2005, 5.1.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X2014000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

GASTAUD, Marina Bento. Psiquismo Fetal - A Teoria de Arnaldo Rascovsky sobre os Núcleos Arcaicos do Ego. **Revista Contemporânea- Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, v. 5, p.9-30, jan. 2008. Trimestral

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORENBERG, Ruth. **Fonemización: pistas de la voz en le parlêtre**. Disponível em: <<http://www.congressoamp2016.com/uploads/2e2222381e00220f32f1f0af03cbaea8f8e9509a.pdf>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

_____. In: Bassols, M. (2014) Lo femenino, entre centro y ausencia en Jornadas Anuales E.O.L. Inédito. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

JERUSALINSKY, J. (2002). **Enquanto o futuro não vem: A psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês**. Salvador: Ágalma. Cap. 9. p. 7-207.

LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAZNIK, Marie-Christine. Psicanalistas que trabalham em saúde pública. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 13, n. 132, p. 62-78, 2000.

_____. **A hora e a vez do bebê**. São Paulo: Instituto Lalangue, 2013.

MILLER, Jacques-Alain. **A criança entre a mulher e a mãe**. *Opção lacaniana*, 1998, 21: 7-12.

_____. Jacques Lacan y la voz. *La voz*, 1997, 9-21.

MONTEIRO, Cleide Pereira. **A noção de lalíngua: uma contribuição da psicanálise lacaniana à concepção de língua**. 2012. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MOREIRA, J. D. O., Romagnoli, R. C., Dias, D. A. S., & Moreira, C. B. (2009). **Programa mãe-canguru e a relação mãe-bebê: pesquisa qualitativa na rede pública de Betim**. *Psicol. estud.*, 475-483.

NÁPOLI, Lucas. **Por que Lacan disse que o sujeito é o que um significante representa para outro significante?** Disponível em: <<https://lucanapoli.com/2012/07/30/por-que-lacan-disse-que-o-sujeito-e-o-que-um-significante-representa-para-outro-significante/>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

NÓBREGA, Karynna Magalhães Barros da. **Da “voz em off” à palavra escrita: o testemunho do corpo falante em O Escafandro e a Borboleta**. 2017. 157 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/964>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2018.

OMS. **Organização mundial da saúde**. Disponível em: <<http://www.who.int/about/pt/>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2018.

QUEIROZ, Telma Corrêa da Nóbrega. **Entrando na Linguagem**. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 1, n. 15, p.12-171, ago. 2003. Semestral.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Zahar, 2012.

RODRIGUES, Amanda Fonseca. *O corpo na constituição do psíquico*. 2010. PhD Thesis. PUC-Rio.

SKRIABINE, P. **“Do sintoma ao sinthoma”**, Revista de Psicanálise: @gente Digital, Salvador, n. 8, 2013.

STAHLSCHMIDT, Ana Paula Melchior. Do sons à palavra: um ensaio sobre a musicalidade mãe-bebê. In: CAMAROTTI, Maria do Carmo. **Atendimento ao bebê**. Pinheiros: Casa do Psicólogo, 2001. Cap. 10. p. 7-207.

SOCHA, Alexandre. A função especular da voz materna e suas referências ao psiquismo e à constituição do si mesmo. **Winnicott e-prints**, São Paulo , v. 3, n. 1e2, p. 1-12, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2008000100001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

TRAVAGLIA, Aline Alves da Silva. Autismo e os primórdios da palavra: pulsão invocante, corpo e linguagem. *Estilos da Clínica*, 2014, 19.2: 263-276.

VERAS, Marcelo. **Falasser**. Disponível em: <<http://subversos.com.br/tag/falasser/>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Ângela Maria Resende. A formulação do objeto a a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 9, n. 3, p. 867-903, set. 2009 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

ZORNIG, Silva Maria Abu-jamra. Clínica da intervenção precoce: entre a origem e o originário. In: MELGAÇO, Rosely Gazire. **A ética na atenção ao bebê: psicanálise, saúde, educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 7-221.

_____. **Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2018.

_____. **Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade**, 2002. In: Golse, B. (2002). Depressão do bebê, depressão da mãe, conceito de psiquiatria perinatal. In: Freud, S. (1931/1976). Sexualidade feminina. *Obras completas*, ESB, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.